

Soldados romanos entre representações e identidade no mitraísmo romano (séc. II-IV d.C)

JOÃO MARCOS ALVES MARQUES¹

O presente trabalho possui como tema de estudo a figura do soldado romano e a sua participação na religião mitraica, sendo assim se faz de extrema importância caracterizar de forma breve e pontual essa forma religiosa no sentido também de destacar como o soldado romano pode estar inserido no processo de disseminação desse culto dentro do vasto império romano durante os séculos II e IV d.C,

O Império Romano tem seu período de início datado em mais ou menos 27 a.C e seu declínio entre 410 e 476 d.C, e se caracterizou como uma civilização extremamente importante, tanto por sua extensão geográfica como também por sua riqueza cultural, religiosa e política, tentar definir e caracterizar a experiência imperialista romana é algo bastante complexo e desafiador, como é o apontado por Patrick Le Roux:

O Império Romano representava uma forma institucional e territorial do exercício do poder monárquico, mas ao qual eram associados os valores aristocráticos tradicionais, o direito público como fonte de sua legitimidade e uma dimensão religiosa que correspondia ao ponto de vista ideológico e a forma que raciocinavam as elites romanas e as de suas províncias. Devido à sua geografia, o Império Romano agrupava um conglomerado de cidades e comunidades locais que, até certo ponto, estavam integradas a uma rede de relacionamentos sociais que copiavam as estruturas da sociedade romana. Contudo, cada uma delas era constituída por suas próprias sociedades individuais, hierarquizadas e culturalmente mescladas, obedecendo em parte a tradições que revelavam os aspectos mais variados (LE ROUX, 2010, p.8)

É importante levar em consideração a vasta extensão do Império Romano e como se davam as relações entre a capital Romana e suas províncias, pois a organização social do mesmo não era homogênea e singular, na verdade agrupava um grupo considerável de “sociedades” bastante distintas entre si, já que em seu interior era possível encontrar aspectos marcantes de antigos Impérios orientais, como por exemplo, o egípcio- helenístico, e essas sociedades por um lado recebiam influências diretas de Roma, como também preservavam

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestrando, bolsista CAPES.

aspectos próprios de sua cultura e costumes, o que contribuirá de forma crucial para a riqueza religiosa e cultural do império romano (GUARINELLO, 2006, p.14).

Certas medidas e posturas adotadas pelo império romano foram extremamente importantes para que houvesse uma maior coesão das diversas províncias aliadas ao poder imperial, como no caso o edito promulgado por Caracala em 212 d.C², e também o próprio segundo século, denominado como século dos Antoninos, experimentou um período de certa estabilidade denominado de *Pax Romana*³, esses aspectos tiveram um papel fundamental para que houvesse uma maior disseminação de cultos orientais, cultos de mistérios, bem como uma infinidade de práticas místicas e astrológicas confluindo tanto na capital Roma como também em suas províncias (GRIMAL, 2011, p.107).

É de extrema relevância refletir, de forma breve, sobre o que se convencionou chamar de cultos orientais, que são caracterizados como:

Algumas manifestações religiosas voltadas para divindades específicas originárias do Egito e do Oriente Próximo Antigo disseminadas em momentos diversos e com êxito desigual nas diversas regiões do Império de Roma, de modo especial durante o segundo helenismo; em seu conjunto estas constituem um fenômeno específico (SANZI, 2006, p.37).

Grande parte dos cultos orientais, como os cultos a Ísis, Osiris, Serápis e Mitra, possuíam uma dimensão misteriosa, em que as cerimônias realizadas no interior de santuários contavam apenas com a participação de um grupo restrito de membros e sacerdotes, esses cultos se caracterizavam por serem iniciáticos, em que exigiam dos fiéis a superação de alguns testes e provas como requisito para o ingresso no grupo; Os mistérios que se faziam presentes nas religiões orientais se constituíam como uma forma de religião pessoal, que

² Edito promulgado que concedia cidadania romana a todos os cidadãos livres que estavam sobre o domínio romano, com isso as relações entre a cidade de Roma e suas províncias se constituía de forma haveriam benefícios para as cidades e cidadãos que se inseriam na ordem romana, ocorrendo uma relação fundada na qual o modelo de civilidade romana atingia diversas comunidades dominadas e também haveria uma relação de troca de poder, riqueza e cultura entre Roma e suas províncias (MENDES, 2006, p. 115)

³ Paul Petit (1989) sugere que a *Pax romana* seria o período de paz para o Império, a partir de Augusto até o século II, quando houve uma estabilidade política com a instituição do poder pessoal e a centralização do Imperador, a implantação de uma máquina político-administrativa para gerenciar o Império, a consolidação das fronteiras imperiais e um grande desenvolvimento econômico, beneficiando Roma e as províncias, principalmente as suas elites.

dependia de uma decisão privada e aspirava alguma um meio de salvação a partir da proximidade com o deus que estava se prestando culto (BURKET, 1992, p.25 e 26).

É válido ressaltar que os romanos possuíam a liberdade de adorar uma variedade de deuses, desde que os cultos oficiais fossem respeitados e praticados, e essa abrangência religiosa foi de extrema importância para a disseminação dos cultos orientais em solo romano; Vários foram os fatores para o processo de propagação das religiões orientais, como o estreitamento das relações comerciais na bacia do Mediterrâneo, que facilitava a entrada de grupos variados de devotos que traziam consigo suas divindades pátrias, como também determinados grupos sociais, que em decorrência de sua grande mobilidade pelo império romano, agiam como transportadores de valores culturais por entre as regiões conquistadas, como por exemplo, os comerciantes, soldados que integravam as legiões e tropas auxiliares do Império, sacerdotes dos cultos orientais e escravos (SILVA, 2005, p.204).

Como dito acima, uma figura marcante para a difusão dos cultos orientais foi o soldado romano, já que ao mesmo tempo em que Roma usava o seu exército como uma forma de introduzir a religião do estado aos novos cidadãos das províncias conquistadas, existia também o processo contrário em que diversos soldados, por estarem servindo e instalados temporariamente nas fronteiras orientais, principalmente na Síria, Pérsia e Egito, eram introduzidos a um novo grupo de divindades e muitas vezes acabavam por se tornar praticantes e difusores de determinados cultos orientais (MACMULLEN, 1981, p.65).

Outro fator importante relacionado à figura do exército romano e sua ligação com os cultos orientais era a prática do recrutamento provincial, que fora iniciada no período imperial com Augusto, e que consistia na admissão de cidadãos provenientes de outras regiões conquistadas nas legiões imperiais (WEBSTER, 1985, p.102), ocorrendo que:

O exército, unindo assim cidadãos e emigrantes de todas as partes do mundo, mantinha um incessante intercâmbio de oficiais e centuriões e até mesmo de guarnições inteiras, de uma província a outra, de acordo com as variadas necessidades do dia, criando, nas remotas fronteiras do mundo romano, uma rede de comunicação perpétua (CUMONT, 2004, p.49).

Dentro do vasto grupo de divindades adoradas e disseminadas pelo exército romano, o culto mitraico se tornou bastante popular entre os militares, junto com os cultos a Jupiter Dolichenus e o Sol Invictus; O culto ao deus mitra tem como provável local de origem a Ásia menor, mais especificamente no antigo Irã, porém o culto romano ao deus mitra possuía atribuições diferentes das tidas em seu passado iranino, em que era venerado, sobretudo como uma divindade responsável pelos pactos, já em solo romano o deus apresentará características completamente novas, em que será representado como um ladrão de bois, salvador de seus fieis, e de uma forma geral seu culto sempre é caracterizado pelo esoterismo e iniciação, vale ressaltar que, o mitraísmo romano será constituído por uma dimensão misteriosa, característica essa que apenas será vista em solo romano (SANZI, 2006, p.71).

As celebrações dos mistérios mitraicos eram realizadas nos chamados Mitreus, muitos desses templos foram encontrados ao longo de postos militares dentro do Império romano, em regiões como a Alemanha, França, Espanha, Hungria, Itália, Romênia, Suíça, e Reino Unido. De forma geral os mitreus possuíam algumas características em comum, eram construídos em cavernas, ou pelo menos eram feitos para simbolizar uma caverna, e em todos os templos existiam uma representação em pedra sobre um altar que era recorrente e emblemática, no caso o Taurobolio, que consistia na cena em que o deus Mitra sacrificava um boi, essa cena além de representar a morte do touro, era constituída de outros elementos, como um cachorro, uma cobra que aparecia ingerindo o sangue do boi morto, um escorpião picando a parte genital do boi, também eram recorrentes a presença do sol, da lua e de outros elementos astrológicos e símbolos zodiacais, e possivelmente este grupo de símbolos e representações desempenhavam um importante papel nas iniciações mitraicas (ULANSEY, 1991, p.55).

Como aporte teórico para a presente pesquisa será pensado a partir da Nova História Cultural ligada á tradição historiográfica francesa, nos estudos e considerações feitas por Roger Chartier em relação às *representações*, que podem ser enxergadas no sentido do modo como, em diferentes lugares e momentos certa realidade social é construída, pensada e lida por meio de classificações e recortes que criam significados variados graças aos qual o mundo em que vivemos adquire sentido (CHARTIER, 1987 p.17).

Nesse sentido a conceituação dada por Chartier tem por objetivo romper com a antiga oposição entre o mundo social, identificado como a “realidade”, e enquanto que as representações são compreendidas apenas como reflexo daquilo que seria real, e para Chartier

as representações possuem uma característica de serem estruturantes e estruturadas, ou seja, na medida em que são determinadas pela sociedade a qual pertencem, irão agir como definidoras da percepção que se possui da realidade social(CARDOSO, 2000,p.67).

Considera-se que o homem através de manipulações das representações pode ocultar o real, representar seus anseios, medos, revoltas, crenças, convicções da maneira que desejam afim de que, através de representações o individuo as constrói como se fossem verdades, e cabe o papel do historiador de desconstruir o discurso do protagonista para assim conhecer sua percepção de mundo (SILVA, 2012, p. 33).

É através desse aporte teórico que a pesquisa foi desenvolvida, pois acredita-se que os grupos sociais irão criar representações do seu mundo social, no sentido de impor limites e valores, sendo assim criando mecanismos necessários para exprimir sua concepção de mundo e seus valores(CHARTIER, 1988, p.17), e tanto as construções estatuárias, como também os testemunhos epigráficos irão ser indícios importantes das formas as quais os soldados expressavam sua realidade e anseios através da religião mitraica, e nesse sentido é válido ressaltar a íntima relação que ocorre entre os conceitos de *representação* e *identidades*, pois ocorre que “a realidade social é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos sociais que compõem uma sociedade” (CHARTIER , 1991, p.45), refletindo dessa forma pode-se pensar que a identidade é construída a partir do modo como determinado grupo concebe, interpreta ou representa o seu mundo, sendo assim, é por meio das representações que as identidades podem ser enxergadas e construídas e que conseqüentemente permitem mostrar elementos que definam as identidades de um grupo(PESAVAENTO, 2004, p. 89 e 90).

Sendo assim com relação ao exército romano, é válido ressaltar que se refere a um grupo bastante heterogêneo, que é constituído por indivíduos de diversas regiões do império romano, acarretando assim a presença de uma diversidade indenitária muito grande, e para a pesquisa será levado em consideração tanto as diferenças entre esses grupos, no sentido de compreender como grupos tão diferentes entre si se uniam e criavam laços a ponto de se constituir como uma espécie de irmandade, que estava a serviço do império romano, e que partilhava tanto experiências como também crenças coletivas como no caso, a religião mitraica, que era uma forte característica religiosa dentro desse grupo, dando-se assim um sentido de unidade a esse grupo, mesmo que houvesse tantas diferenças entre os membros que os compunham.

A composição social dos praticantes da doutrina mitraica era formada em sua maioria por escravos, mercadores, senadores, alguns imperadores, e principalmente soldados do império romano, esse último grupo em específico, como já foi dito anteriormente, teve papel fundamental dentro do grupo de praticantes e divulgadores desse culto oriental, o questionamento inicial da pesquisa reside justamente em saber quais aspectos litúrgicos, míticos e místicos do mitraísmo podem ter sido importantes e determinantes para que os soldados demonstrassem tanto interesse em relação a essa forma religiosa, vale ressaltar que a própria doutrina mitraica ainda possui uma série de questionamentos em aberto, principalmente porque existe um grupo bastante fragmentado de fontes relativas a essa temática, de forma geral, podem ser citados um grupo reduzido de registros literários, e um vasto número de fontes arqueológicas, sendo assim para o processo de se pensar o mitraísmo como tema de pesquisa é necessário combinar informações relativas as fontes literárias com um grupo de informações obtidas através de inscrições presentes em Mitreus, bem como representações iconográficas e estatuárias.

Inicialmente é válido questionar em que medida a figura, a caracterização e a representação do deus mitra pode ter atuado como uma forma de atrair o soldado romano ao seu culto, já que pode ser observada a recorrência na mitologia mitraica que ,o deus mitra é um deus que está em constante luta do bem contra o mal (CUMONT, 2004, p.148), ganhando assim atribuições de um guerreiro, e esse aspecto de luta do bem contra o mal pode ser questionado como um paralelo com a vida do próprio soldado que durante as constantes batalhas e os vários perigos que enfrentava poderia enxergar na figura do deus uma aproximação e uma identificação com sua própria vida de batalhas.

Essa associação entre mitra e a figura do soldado pode ser observada também em uma série de fontes arqueológicas extraídas de mitreus que, por serem ornamentados com um grupo considerável de imagens variadas nos permite analisar e questionar a representação desse deus, que é retratado como um jovem que está vestido como uma espécie de soldado e portando sempre uma faca ou espada, essa associação é constante principalmente na cena emblemática do taurobólio, sendo assim o questionamento reside em buscar saber até que ponto o deus mitra poderia de certa forma, ser visto como uma espécie de soldado ideal, a

qual os legionários pudessem se identificar e depositar sua fé e conseqüentemente transmitir essa forma de culto religioso as outras legiões de soldados.

Por se tratar de uma religião de mistérios, o mitraísmo possuía uma forte e complexa dimensão iniciática, por não existirem muitas fontes que ajudem a dar explicações mais claras sobre os mistérios mitraicos existem vários aspectos desse culto que ainda são desconhecidos, porém ainda sim é válido notar que a figura do soldado possuía uma importância para esse culto, pois, segundo Jerônimo existiam sete graus de iniciação:

Não é talvez verdade que Graco, há poucos anos... enquanto era prefeito da cidade, fez abater, destruir e incendiar uma gruta de Mithra e todos aqueles monstruosos simulacros entre os quais o *corax*, o *cryphius*, o *miles*, o *leo*, o *perses*, o *heliodromus*, e o *pater*⁴ vem iniciados ?(Hier, Ep. 107 ad Laetam, apud. SANZI, 2006, p.76).

O excerto acima é relativo a uma passagem narrada em uma carta de Jerônimo, que se refere à intervenção de um novo convertido ao cristianismo, que enquanto servia a um prefeito romano ajudou na destruição de um mitreu, nessa passagem é tratado justamente sobre os graus de iniciação mitraicas, e curiosamente uma das nomenclaturas dos graus é o soldado, essa informação é reveladora afim de que se perceba a importância dada à figura desse grupo social para o culto, assim como as próprias fontes arqueológicas comprovam essa representação feita do soldado com os graus iniciáticos, em um afresco no chão do mitreu de Felicissimus em Ostia, que mostra um caminho ao qual cada quadro representa um grau de iniciação, os símbolos utilizados para o grau do soldado são uma lança, um capacete militar, e um saco utilizado por soldados, esses elementos são significativos e ajudam a refletir que muitos outros grupos sociais foram iniciados em cultos mitraicos como o caso de escravos, imperadores e senadores (CAMPOS, 2002, p.8), porém a figura do soldado é que possuía um papel importante dentro da cerimônia.

O papel do soldado romano foi fundamental para a disseminação do culto mitraico como já dito anteriormente, e ao refletir sobre essa afirmativa é importante problematizar os meios e a própria configuração do sistema militar romano para se compreender melhor esse processo, já que uma característica importante no serviço militar romano era que esse grupo de indivíduos criavam fortes laços e se configuravam como uma espécie de irmandade, que se dedicava a sua legião e principalmente ao império romano (WEBSTER, 1985, p 102), durante

⁴ Os seguintes graus de iniciação eram o corvo, o oculto, o soldado, o leão, o persa, o corredor do sol e o pai.

o período de serviços prestados ao império, as legiões foram responsáveis pelas construções de vários mitreus, e nesses mitreus eram depositadas uma série de placas e estátuas em agradecimento ao deus mitra, e alguns casos eram também registrados no interior do templo quem havia erigido o mesmo, podendo ser colocados os nomes das legiões, ou de soldados individuais, essas informações são extremamente importantes, pois ajudam no sentido de pensar sobre quais eram as funções desses soldados dentro do exército qual a localidade desses artefatos dentro do império romano.

Como é o caso uma inscrição por um centurião que expressa da seguinte forma: “Ao deus- sol Mitra invencível, senhor eterno, Publicius Proculinus, centurião, em nome de si mesmo e de seu filho Proculus, disposto e merecidamente cumpriu seu voto, no consulado de gallus do nosso senhor e Volusianus (*tradução livre*, CAMPBELL, 1994, p.135).”⁵, pode-se perceber através das informações que existe uma associação feita entre Mitra e o deus-sol, como também a própria função de centurião é importante ser pensada, pois, é bastante focada em muitos estudos relativos a disseminação do culto mitraico, a figura do soldado romano como veículo de difusão desse culto apenas no período em que o mesmo atua em alguma função nas legiões, porém vale ressaltar que a possibilidade de promoções dentro do exército, em que os oficiais, como os legionários eram transferidos para outras regiões e posteriormente alcançavam posições administrativas dentro da capital romana ou das províncias (CUMONT, 2004, p. 40-41), e essa transferência poderia permitir um maior contato entre os membros oficiais e as classes administrativas dentro do império, o que poderia facilitar a disseminação do culto mitraico, não se restringindo apenas no âmbito militar.

Após esse breve estudo relativo ao mitraísmo e o papel do soldado romano para maior difusão desse culto, percebe-se a pluralidade e complexidade de se pensar como determinados agentes sociais tiveram papéis de destaque no processo de difusão cultural e religiosa.

⁵ “To the invincible Sun- god Mithras, Everlasting Lord, Publicius Proculinus, centurion, on behalf of himself and his son Proculus, willing and deservedly fulfilled his vow, in the consulship of our lords Gallus and Volusianus”

Referencias Bibliográficas

BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

CABANES, P. *Introdução a história da Antiguidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CAMPBELL, B. *The Roman Army, 31BC-AD337: A Sourcebook*. London: Routledge, Blackwell Publishers Ltd., 1996.

CAMPOS, I. *El culto del dios Mithra en la Persia Antigua*. (LasPalmas de G.C.: ULPGC). 2006.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989.

CUMONT, F. *Os Mistérios de Mitra*. São Paulo: Madras, 2004.

GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 2011.

HINNELS, J. R. *Mithraic Studies: Proceedings of the First International Congress of Mithraic Studies*, 2 vols. Manchester: Manchester University Press, 1975.

LE ROUX, Patrick. *Império Romano*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MACMULLEN, R. *Paganism in the Roman Empire* (New Yale University Press), 1981.

NORTH, J.A. *Roman Religion*. London: Oxford University Press, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

SANZI, E. *Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: modelos e perspectivas metodológicas*. Fortaleza: Ed: UECE, 2006.

SILVA, S. C. *Magia e poder no Império Romano: a Apologia de Apuleio*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2012.

SPEIDEL, M. P. *Mithras-Orion: Greek Hero and Roman Army God*. Leiden: E. J. Brill, 1980.

TURCAN, R. *The Cults of the Roman Empire*. Trans. Antonia Nevill. Cambridge: 1994.

ULANSEY, David. *The Origins of the Mithraic Mysteries: Cosmology & Salvation in the Ancient World*. New York: Oxford University Press, Inc., 1989.

WATSON, G. R. *The Roman Soldier*. Ithica, NY: Cornell University Press, 1969.

WEBSTER, G. *The Roman Imperial Army of the First and Second Centuries A.D.* 3rd ed. London: A&C Black Publishers Ltd., 1985.